

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμερῶν ἀπὸ τῆς ἀρχαίας ἱστορίας
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

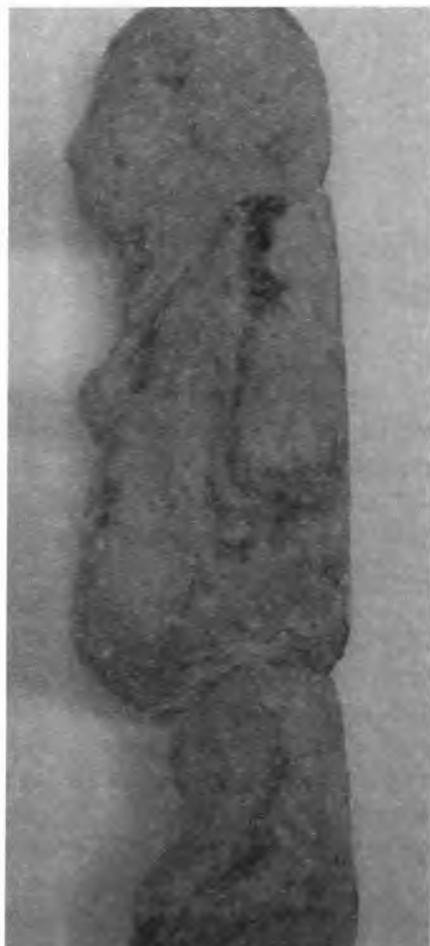
UMA ESTATUETA FUNERÁRIA EGÍPCIA NO MUSEU DE AVEIRO

Por amável informação da directora do Museu de Aveiro, Dra. Ana Margarida Serra Ferreira, a quem muito agradecemos, tomámos conhecimento da existência de uma estatueta funerária egípcia com inscrição hieroglífica frontal. A imagem da referida peça foi enviada por via electrónica, e é ela que neste artigo se reproduz, na página seguinte, com visão frontal e lateral.

O Museu de Aveiro (ou Museu de Santa Joana Princesa) alberga uma importante colecção de arte sacra, mas também possui um pequeno núcleo arqueológico que integra a estatueta funerária egípcia que aqui divulgamos, sem que se saiba como foi ela lá parar. Aliás, este é um fenómeno comum a outras colecções, nomeadamente a colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia, a maior do nosso país (com cerca de trezentos objectos expostos e outros tantos nas reservas), que inclui vários objectos de proveniência desconhecida.

A figurinha é feita de terracota pintada de verde exibindo ligeiro brilho em certas partes da superfície (mão direita que empunha o chicote e parte do avental). Está partida pelos joelhos, na base do saiote e do avental, tendo sido colada. As pernas e os pés estão sumariamente indicados, assentes numa pequena base, e a parte de trás é lisa. A altura da peça é de 11,4 cm.

A maior parte das estatuetas funerárias, conhecidas pela designação de *chauabtis* ou *uchebtis*, tem um aspecto mumiforme, pois representam a miniaturização do corpo mumificado do defunto evocando, ao mesmo tempo, o trabalhador que no Além iria desempenhar as míticas actividades agrícolas que o aguardavam nos campos de Osíris. A partir do pontificado do sumo sacerdote Pinedjem II (c. 990-969 a. C.), já em finais da XXI dinastia, o termo *chauabti* será gradualmente substituído por *uchebti*, derivado do verbo *ucheb* (responder). Enfim, esperava-se que as diligentes estatuetas funerárias respondessem à chamada em lugar do morto quando este fosse convocado



A estatueta funerária egípcia do Museu de Aveiro, vista de frente (com a tosca inscrição hieroglífica no saiote) e de lado.

para a faina agrícola no outro mundo. Acontece que a ordem e a disciplina laboral existente na vida terrena se reproduzia no Além, e por isso cada grupo de dez estatuetas mumiformes era liderado por um capataz, representado por uma figurinha que não se apresentava como uma múmia mas sim com um saiote – e alguns mais requintados podiam exhibir avental, sandálias e cabeleiras mais cuidadas.

As figurinhas de capatazes começaram a aparecer durante o reinado de Ramsés II (XIX dinastia), e aumentaram de número ao longo

da XXI dinastia, para depois virem a desaparecer dos espólios fúnebres a partir da XXVI dinastia. Que um capataz chefiava um grupo de dez trabalhadores vê-se bem pela habitual designação egípcia do cargo: *aá en medu*, isto é, o «grande dos dez». Em francês tem aparecido a forma *dizenier* ou *chef dizenier*, a par de *chef* ou *contremaître*, enquanto os egiptólogos anglo-saxónicos optam por *overseer* e os alemães por *Aufseher*, entre outras formas.

Assim, a presente estatueta funerária é um capataz, exibindo por isso mesmo um chicote a atestar a sua autoridade e não os alvíos típicos das estatuetas mumiformes. A cabeça é envolvida por uma cabeleira arredondada, que cobre as orelhas e tem uma fita preta atada atrás com um laço, como é tradicional nas estatuetas funerárias produzidas a partir de inícios da XXI dinastia (pontificado do sumo sacerdote Masaharta, c. 1050 a. C.) e que iria continuar a ser usada ao longo da XXII dinastia. A fita preta no cabelo atada atrás é pois um elemento iconográfico que permite datar esta estatueta.

A parte da cabeleira que cai sobre os ombros mostra finas madeixas de cada lado do rosto, o qual está bastante erodido, mal se notando já os olhos, o nariz achatado e a boca. Os olhos estão assinalados com dois pontos negros esmaecidos e da boca subsiste uma leve incisão horizontal.

O braço esquerdo está caído ao longo do corpo, estando o direito flectido com a mão junto ao peito segurando um chicote pintado de preto que sobe até ao ombro e cai acompanhando o braço esquerdo.

Como é próprio das figuras que representam capatazes, tem saio e avental à frente, de forma trapezoidal, onde foi pintada a preto uma inscrição vertical com hieróglifos cursivos que se lêem com dificuldade. A inscrição inicia-se com o típico título-nome de Osíris, seguido pelo nome do defunto, que parece ser Djedmut, com a tradução de «(A deusa) Mut diz» ou «A (deusa) Mut fala».



Wsir *Dd-Mwt* (Osíris Djedmut)

Esta forma onomástica é uma redução de formas mais completas, amiúde usadas na XXI e XXII dinastias, como Djedmutiuesankh («Mut diz que ela está viva») ou Djedmutiuefankh («Mut diz que ele está vivo»). Em colecções egípcias existentes no nosso país não se encontram estes dois nomes, nem a forma abreviada de Djedmut, embora se detectem nomes de construção idêntica invocando Maet, Tot

e Khonsu (coleções do Museu Nacional de Arqueologia e Sociedade de Geografia de Lisboa, e coleção privada de Miguel Barbosa).

O nome de Djedmut remete-nos para a necrópole de Deir el-Medina, em Lucsor Ocidental, mais precisamente para os poços 10 e 10B, onde Bernard Bruyère, então ao serviço do Institut Français d'Archéologie Orientale, descobriu nos anos vinte do século passado algumas dezenas de figurinhas pertencentes a duas personagens ali inumadas: Khonsuhotep e Djedmut (desconhece-se se eram familiares). Dominique Valbelle viria depois a publicar a lista das estatuetas funerárias encontradas em vários poços e túmulos de Deir el-Medina (*Ouchebtis de Deir el-Médineh*, Cairo: IFAO, 1972), e lá constam os exemplares feitos para Khonsuhotep e Djedmut.

É provável que esta estatueta seja oriunda desse local muito frequentado desde o Império Novo, e que durante o Terceiro Período Intermediário serviu para lá sepultar vários funcionários tebanos e seus familiares. Desconhece-se em que circunstância esta estatueta, hoje no Museu de Aveiro, chegou à Europa e, mais estranho ainda, a Portugal.

Bibliografia

- Luís Manuel de ARAÚJO, *Estatuetas Funerárias Egípcias da XXI dinastia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003
- J.-F. AUBERT e Liliane AUBERT, *Statuettes Égyptiennes. Chaouabtis, Ouchebtis*, Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, 1974
- Jean-Luc BOVOT, «Les figurines funéraires du Louvre provenant de la Cachette Royale (DB 320)», em *Egypte, Afrique & Orient*, 38, Juin 2005, pp. 13-34
- Hermann RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, Glückstadt: Verlag J. J. Augustin, 1935
- Hans SCHNEIDER, *Sbabtis. An Introduction to the History of Ancient Egyptian Funerary Statuettes with a Catalogue of the Collection of Antiquities at Leiden*, 3 volumes, Leiden: Rijksmuseum van Oudheden te Leiden, 1987
- Dominique VALBELLE, *Ouchebtis de Deir el-Médineh*, Cairo: IFAO, 1972

Luís Manuel de Araújo